

VIVER

PSICOLOGIA

ANO 3-Nº. 29-R\$ 2,90

**Aprenda a
escutar o
coração**

**Consumidos pelo
CIUME**

**Teste:
Você tem
problemas
sexuais?**

**Assassinatos em
família: Loucura
ou mera crueldade**

O corpo em educação



Foto Paulo Cappola

Toda a ênfase dada ao corpo nos primeiros anos de vida escolar vai se perdendo ao longo do tempo.

Aos poucos, o foco vai sendo transferido para as abstrações do conhecimento e o corpo vai sendo reprimido e até ignorado. Temos desprezado o fato de que o prazer de aprender e a liberdade criativa são coisas que nascem e se manifestam exatamente no corpo.

por Ênio Brito Pinto

Se lançarmos um breve olhar histórico para a escola, logo perceberemos que, em nossa cultura, o conhecimento está geralmente associado à mente, ao intelecto, em detrimento do corpo. Desde muito tempo, até os dias de hoje, as teorias sobre educação falam prioritariamente sobre a aprendizagem intelectual, quase como se ela pudesse se dar apesar do corpo, e não no corpo.

Ao aprendermos, aprendemos principalmente a lidar com símbolos: quanto mais uma pessoa avança no processo de aprendizagem, com menos coisas concretas esta pessoa lida, mais abstrato se torna seu conhecimento. Na escola, mormente nas escolas mais modernas e mais apoiadas em métodos renovadores de ensino, podemos observar que, nos primeiros anos de estudo, até que alguma atenção é dada ao corpo da criança, notadamente no que concerne ao lidar com coisas concretas. À medida em que a criança vai caminhando em sua escolaridade e ampliando sua capacidade de abstração, o corpo vai sendo deixado de lado, como se ele fosse necessário apenas nos primeiros anos escolares.

Assim, nos primeiros anos de vida escolar, é visível alguma preocupação da escola em lidar com o corpo, até em fazer do corpo instrumento da aprendizagem. Passados os primeiros anos, é

como se colocássemos os alunos em uma escada e suas mentes fossem galgando os degraus com maior velocidade que seus corpos, de forma que, quando a pessoa alcançasse a pós-graduação, seu corpo ainda estivesse, eterno repetente, nos primeiros anos do primeiro grau. E as teorias sobre educação, de uma forma geral, privilegiam a mente como, de maneira geral, um professor privilegia aquele aluno que melhor repete o que ouviu. O corpo e a criatividade ficam sem importância.

Sim, pois a criatividade não é filha apenas da mente, e sim cria de um organismo integrado por corpo e mente, um todo indissolúvel que nossa cultura dicotomiza. Ao descuidar do papel do corpo na aprendizagem, a escola descuida também do papel da criatividade no desempenho das pessoas, diminuindo-lhes as possibilidades de alcançarem a competência existencial tão necessária à luta por uma vida mais digna e mais responsável.

A maioria das escolas se torna mais mecanicista e menos humanista, com efeitos perigosos sobre o processo de aprendizagem. Formam pessoas que têm imensa capacidade de repetir o conhecido e muito pouca coragem para experimentar novos caminhos, para ousar, para criar. E este caminho tão cruel

começa pelo desleixo para com o corpo no processo educacional.

O corpo é a base da identidade, pois é a partir do corpo que começamos a perceber a noção de eu, e é através do corpo que continuamos este processo pela vida afora. Percebemos o mundo através do corpo, exploramos o mundo através do corpo, damos-nos conta de quem somos e do que queremos através do contato com o corpo, somente existimos corporalmente, e, ainda assim, na escola ele não tem vez.

O corpo é a base do prazer, pois todo prazer é corporal. Não há como sentirmos prazer se não temos um bom contato com nosso corpo. O prazer traz liberdade, criatividade, consciência, assertividade, excitação, coisas com certeza assustadoras dentro de uma escola. Porque alunos que têm prazer em estudar são alunos inquietos, questionadores, curiosos e atentos, exigentes quanto ao que recebem de seus professores e da escola.

Melhor, então, calá-los. Melhor deixar seus corpos eternos repetentes no primário, para que suas mentes não se desviem das trilhas já conhecidas, decoradas e, anos após ano, enfadonhamente repetidas por enfadonhos professores, gerando nos alunos um enorme desprazer ao ir para a escola. Estudar vira obriga-

ção, coisa chata que se faz ano a ano em busca de uma felicidade que será alcançada um dia, lá no futuro, quando a pessoa resolver que não precisa mais estudar, pois já sabe pisar exatamente sobre os passos daqueles que antes deixaram bem marcado o caminho certo a seguir sem criatividade, Narcisos que não tiram os olhos do lago.

E como fazer isto? Como facilitar à criança abandonar-se ao corpo, ao prazer, à curiosidade, à criatividade?

Observe como uma criança tem uma energia corporal quase ilimitada; perceba como ela se entrega completamente a cada atividade corporal. Insistentemente, ela busca o prazer corporal, mesmo que isto implique em repetir e repetir atividades até encontrar o tesouro de que necessita. Isto, até certo ponto dá infância, quando começa a acontecer alguma coisa que bloqueia este processo de busca obstinada do prazer. A competição, tão estimulada pelas escolas, começa a entrar em cena, aparecem críticas com relação à busca do prazer, tentativas ainda desajeitadas de procura do prazer são sarcasticamente desestimuladas, a desaprovação ao gozo do prazer aparece, fazendo com que a criança restrinja-se, a fim de conseguir corresponder às expectativas dos outros e conquistar o tão necessário amor no mundo.

Ela aprende a conter sua musculatura, a reprimir sua raiva, a deixar para sempre enovelado em sua garganta o choro. Ela afunda-se em seus ombros, protegendo-se de palavras e de censuras, escondendo seu corpo em desenvolvimento. Perde o senso de si própria, bem como grande parte de sua energia vital ao se desligar de seu corpo para conquistar um espaço social.

O corpo encolhido e assustado diminui seu limiar de percepção, por conseguinte seu limiar de contato com o mundo, e o indivíduo vê diminuída sua capacidade de influenciar este mundo. Abre mão de seu processo interior, busca viver a experiência de outra pessoa, aliena-se, busca a saída do Narcisismo, a grande praga de nossos tempos. Encontra a ansiedade. Não a ansiedade ontológica, tão importante na busca do significado do estar vivendo, mas a ansiedade patológica, paralisadora e impedidora de excitação.

A pessoa ansiosa limita sua respiração, diminui a quantidade de oxigênio ingerido em cada inspiração, desinspira-se, tende a evitar o novo e a não ser criativa. Não se excita, pois excitação requer oxigênio, requer energia, que não está disponível no corpo contido. A ansiedade - ao contrário da excitação - não alimenta a curiosidade, matéria-prima da aprendizagem.

Madalena Freire diz que "o educador educa a dor da falta, cognitiva e afetiva, para a construção do prazer. É da falta que nasce o desejo. Educa a aflição da tensão da angústia de desejar. Educa a fome do desejo".

Atentemos para esta reflexão de Madalena Freire, observemos os termos que ela usa quando se refere ao educador. "Dor", a gente sente no corpo. "Prazer" só pode ser percebido no corpo. "Desejo" depende de percepção Sinestésica. "Aflição", "angústia", "fome" são sensações corporais. Aprender demanda ver, ouvir, falar, sentir; demanda o corpo presente e vivo. É este o corpo que devemos buscar levar para a escola, o corpo vivo, o corpo excitado e curioso, o corpo envolvido. Presente. Participante e inquieto. "Ensinar e aprender são movidos pelo desejo e pela paixão", completa Madalena Freire.

Penso que é importante que a escola esteja atenta às potencialidades que o cuidado com o corpo traz para a educação. Não basta que o corpo apareça nas preocupações escolares apenas no que diga respeito a como controlá-lo na busca de uma suposta disciplina, útil apenas para formar pessoas obedientes e passivas. Não basta olhar apenas para o corpo do aluno que padece alguma disfunção. Não basta estudar-se o corpo em surrealistas aulas de anatomia. Não basta tentar modelar o corpo em exaustivas aulas de Educação Física. Não podemos

mais olhar o corpo como se a abstração fosse possível sem ele, ou apesar dele.

É interessante que quando se fala de educação de deficientes, nunca se deixe de lado o aspecto corporal. São diversas as técnicas, são muitos os exercícios, são várias as teorias que procuram facilitar ao deficiente o máximo de aprendizagem possível, todas passando por cuidados corporais, por aumento do limiar de percepção. Na educação das pessoas normais, o corpo é deixado de lado, como se bastasse ele não ter problemas para ser ótimo. Se neurologicamente não há problemas, se a genética diz estar tudo bem, se não há nenhum problema anatômico ou fisiológico, então esqueça-se o corpo. Ou aliene-se o (do) corpo. Com o deficiente, cuida-se do corpo, porque ele já tem os limites que sua deficiência lhe impõe. Mas não tornemos proficiente quem é eficiente.

Qual a palavra, então, para mudar este quadro de desleixo para com o corpo? Penso que não é uma, mas são duas as palavras. Encorajamento e respeito.

Encorajamento para que o aluno mantenha sempre acesa dentro de si mesmo a chama da curiosidade. Encorajamento para que ele descubra que a curiosidade requer tenacidade e pesquisa. Encorajamento para que ele não perca de vista o prazer de aprender.

Respeito para com suas tentativas, ainda que desengonçadas. Respeito para com o que ele já sabe. Respeito para com sua excitação e para com sua vivacidade. Respeito para com seu desejo.

Penso que para o adolescente é mais que nunca importante um cuidado com o corpo. É na adolescência que o corpo mais se modifica, trazendo neste processo mudanças cognitivas mais do que significativas. É justo neste momento que a capacidade de abstração se realça e, por isto, justo neste momento é que o cuidado com o corpo se torna essencial.

O adolescente está capaz de apartar-se de si mesmo, de ser sujeito e objeto de si mesmo. Ele está num momento fundamental para a consolidação de sua identidade, um momento de rápidas e definitivas mudanças corporais. Ele será tão mais saudável quanto melhor for seu contato com o próprio corpo. Ele será tão mais responsável socialmente quanto mais responsável for para com seus sentimentos e com suas sensações. Conhecer-se-á mais na medida em que tiver maior liberdade para conhecer e explorar sua corporeidade. Aprenderá mais e melhor se souber lidar prazerosamente com o estudo. E o prazer depende de se entrar de corpo e alma numa atividade.

Assim como a criança, também o adolescente e o adulto precisam de afeto para aprender. Afeto requer contato entre professor e aluno. Requer que um veja (e não apenas olhe para) o outro. Requer que um ouça (sem ouvidos moucos) o outro. Requer que um se emocione com o outro. Que ambos se modifiquem e cresçam no contato. Requer disponibilidade. Discorponibilidade. Exige confiança.

Aprender é inCORPORar depois de digerir. Aprender não é decorar e repetir, mas criar, a partir do ensinado, uma atitude nova diante da vida. Ψ

*Ênio Brito Pinto é psicólogo,
"gestalt"-terapeuta e professor universitário.*

Fontes Bibliográficas:

- 1- Grossi, E. P. e Bordin, J. (org.). *Paixão de Aprender*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992;
- 2- Oaklander, V.. *Descobrimdo Crianças*. São Paulo: Summus, 1980.